

AS RELAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E SOCIOLOGIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

2019

Alan Ferreira dos Santos

Formado em Psicologia (Psicólogo) pela Universidade Paulista (UNIP)-(Bolsista ProUni/2014-2019). Aprimorando em Neuropsicologia Geriátrica (2019-) pela UNICAMP pelo Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria, atuando no Ambulatório de Psiquiatria Geriátrica e Neuropsiquiatria (Brasil)

Email:

alanfs1995@gmail.com

RESUMO

Intenta-se investigar o cruzamento entre os conhecimentos do campo da Sociologia e da Psicanálise. Pretende-se conhecer o prenúncio do intercâmbio entre essas disciplinas, analisar o seu desenvolvimento histórico e expor as suas articulações teóricas-conceituais constituindo assim um panorama geral dessas relações. O estudo histórico-expositivo do desenvolvimento dessa interdisciplinaridade será privilegiado. Sabe-se que para compreender as conceituações desenvolvidas em uma determinada disciplina é necessário o seu estudo histórico, por outro lado, este nos permite esclarecer as diferentes nuances no quadro conceitual contemporâneo. Essa amarração entre História e Exposição se faz imprescindível, uma vez que existe uma interdisciplinaridade em questão. A primeira nos dá uma visão sinóptica do desenvolvimento do conhecimento e a segunda nos demonstra o conteúdo do conhecimento desenvolvido de forma elaborada e – relativamente - mais profunda. O objeto de investigação é a complexa relação entre Sociologia e Psicanálise e o seu desenvolvimento histórico-conceitual. Esse estudo é exploratório, uma vez que essas relações são pouco estudadas e o seu quadro teórico-conceitual se provou - diante da bibliografia - ser fragmentário e disperso em uma pequena variedade de autores. Existe um intuito aproximativo do objeto de investigação ao se utilizar desse posicionamento ao mesmo tempo que se intenta pôr em evidência essas relações. Justifica-se esse posicionamento uma vez que esse campo é segmentado por tentativas especulativas – algumas com fertilidades e outras não -. Pretende-se ampliar os horizontes de visualização desses encadeamentos teóricos. Essa

pesquisa tem como principal finalidade desenvolver e esclarecer ideias. Pretende-se proporcionar uma visão geral sobre o tema e produzir uma aproximação do objeto pouco estudado.

Palavras-chave: Sociologia psicanalítica, freudomarxismo, sócio-psicanálise.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



PREÂMBULO HISTÓRICO

Em 6 de maio de 1956 Florestan Fernandes profere uma palestra em comemoração ao centenário de Sigmund Freud, evento este promovido pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e que acabou sendo produzida no auditório do Ministério da Educação. O título da exposição é: *Psicanálise e Sociologia*.

Aqui o autor expõe de modo didático como as relações entre Sociologia e Psicanálise podem ser compreendidas à luz da própria teoria psicanalítica. Sabe-se – através das palavras do sociólogo – que o empreendimento dessas interações se dá pela apropriação da Psicanálise por meio da Sociologia, assim segue explicitando três vertentes imprescindíveis para um frutífero proveito das ciências sociais sobre à Psicologia de Freud.

O primeiro aspecto que evidencia são os processos de constituição da personalidade e as contribuições que a organização social propicia, seja na diferenciação do comportamento humano ou na identificação dos indivíduos aos grupos e instituições sociais. Assim:

Os materiais recolhidos pelos psicanalistas passaram a atrair a atenção dos sociólogos, pois através dêles é possível examinar alguns problemas fundamentais na diferenciação da personalidade divergente e nas formas de reação societária a comportamentos imprevistos ou desaprovados, que podem não obstante, ser tolerados sem o recurso externo ao internamento dos agentes (FLORESTAN, 1956, p. 130).

O segundo item é a tendência recém-surgida na sociologia de haver insuficiências nas explicações dinâmicas do etos e da vida social “[...] o que fez com que os sociólogos tivessem motivos teóricos para pretender aproveitar as contribuições da psicologia, que permitissem considerar a personalidade como um todo” (ibid., p. 131). E em terceiro lugar detiveram a atenção na técnica psicanalítica, pois:

Na cura de moléstias mentais, o psicanalista enfrenta, de fato, uma situação muito parecida com a do sociólogo que se defronte com problemas práticos: trata-se de introduzir alterações em um sistema estrutural e funcionalmente organizado, submetido a padrões próprios de equilíbrio dinâmico, de modo a pôr em atividade construtiva certas potencialidades de poder "adaptativo" conhecido (ibid., p. 131).

Desse modo podemos observar que a Psicanálise detém um arsenal teórico-conceitual e técnico-metodológico de grande valia para os interessados nas dinâmicas sociais, uma vez que esta é constituída por um conjunto de indivíduos. Assim Florestan Fernandes – a princípio – aponta três vertentes que fizeram os sociólogos direcionarem o seu olhar à psicanálise, a saber: uma teoria da personalidade e dos seus processos constituintes, a tendência crescente na sociologia de haver a necessidade de teorias dinâmicas e o fato de ambas disciplinas serem técnicas-práticas e, portanto, interventivas. Dessa forma a psicanálise torna-se uma psicologia que satisfaz os requisitos das atuais exigências da sociologia que são advindas de suas adversidades histórico-sociais.

SOCIOLOGIA & PSICANÁLISE: EXPLORAÇÕES INICIAIS

Se Florestan em 1956 demonstrava estar atualizado sobre as formas de interação entre Psicanálise e Sociologia, vemos que em 1948 é publicado o livro *Sociologia e Psicanálise* de Roger Bastide, esse sociólogo manteve uma profícua interdisciplinaridade nesses campos de atuação (QUEIRÓZ, 1994). Como também pode ter sido uma das primeiras contribuições interdisciplinares nos estudos entre sociologia e psicanálise no Brasil (LIMA, 2009).

Esse cruzamento de conhecimento de modo suficientemente necessário ainda está por vir, o que existe em realidade são pequenas comunicações esparsas e fragmentadas de alguns sociólogos ou psicanalistas que enveredaram por essas zonas, mas nunca havendo necessariamente uma constituição de um núcleo sólido e teórico que poderia se autodenominar uma disciplina científica, tese essa que poderia ser afirmada pela seguinte expressão:

A contribuição freudiana à sociologia tem sido reconhecida e presente nas obras de pensadores clássicos e contemporâneos desta ciência social, ainda que as relações entre ambas as ciências ainda não tenham sido suficientemente sistematizadas e problematizadas (LIMA, 2009, p. 11).

João Gabriel Lima Cruz Teixeira em seu livro *A teoria da Sociedade em Freud (1991)* propõe uma sociologia freudiana ou uma sociologia do inconsciente. O autor diz que os textos freudianos têm muito a dizer sobre a vida e as bases comportamentais e a gênese da vida social do ser humano. São analisados os escritos sociais de Freud como *Totem e tabu (1912-13)*, *Além do princípio do prazer (1920)*, *Psicologia de grupo e análise do ego (1921)*, *O ego e o id (1923)*, *O futuro de uma ilusão (1927)*, *Mal-estar na civilização (1929)* e *Moisés e o monoteísmo (1939)*.

Já Olgária Matos (2003) em entrevista fornecida, discursa sobre Erich Fromm e da relevância do teórico para compreensão das questões econômicas por meio de um viés afetivo:

Realmente, ele é um autor injustamente esquecido, como durante muito tempo também Marcuse foi esquecido, e agora começam alguns estudos a serem retomados, mas de fato ele tem uma das contribuições mais interessantes para a filosofia, para a antropologia e para a psicanálise, porque ele trabalha diretamente a questão da dominação e a questão da liberdade. Em vez de buscar aquelas determinações econômicas da vida psíquica, no sentido marxista, ele dá uma figura afetiva a essa questão econômica e mostra que para você liberar o trabalhador do seu fardo, teria que primeiro liberar o trabalhador do próprio trabalhador. Então o tema da alienação foi trabalhado de uma maneira muito interessante por Erich Fromm. Eu espero que seja retomado um estudo do pensamento dele, porque realmente é uma injustiça acadêmica, social e política, ele não estar sendo suficientemente estudado. Recentemente, questão de um ou dois anos, houve um encontro de filosofia alemã em São Paulo e houve uma mesa dedicada ao pensamento de Erich Fromm. Ainda não foi publicado. Espero que essas contribuições apareçam em breve (MATOS, 2003, p. 1).

O comentador Paulo Sérgio Rouanett, que tem uma vasta obra onde dedica-se a compreender as relações entre a sociologia e psicanálise, e em específico as relações entre Teoria Crítica e o Freudismo. No livro *Teoria crítica e psicanálise (1983)* ele diz:

Freudismo não é, para a escola de Frankfurt, uma influência: é uma interioridade constitutiva, que habita o seu corpo teórico e permite à teoria crítica pensar seu objeto, pensar-se a si mesma, e pensar o próprio freudismo enquanto momento da cultura (ROUANET, 1983, p. 11).

Neste ensaio ele analisa as condições históricas da receptividade da psicanálise na teoria social, percebendo que a pergunta não respondida pelo materialismo-dialético era: como explicar a complacência por parte dos oprimidos com relação aos opressores? E assim responde:

A psicanálise, enquanto doutrina do funcionamento psíquico da ação irracional, parecia oferecer os instrumentos para a compreensão do enigma. Se a ideologia era tão tenaz, não seria porque derivava sua força de persuasão de mecanismos afetivos, irreduzíveis à argumentação racional, mas acessíveis, em sua estrutura profunda, às categorias explicativas da psicanálise? (Ibid, p. 14).

Com isso, nasce uma relação entre psicanálise e materialismo-histórico-dialético, ambas ciências que em gênese contém o germe do desmascaramento, segundo Rouanett:

São ciências desmistificadoras [...] suspeitam da veracidade dos fenômenos ostensivos, e procuram interpretá-los como resultantes de forças ocultas [...] o que é alegado como motivo manifesto é um mero pretexto, que oculta as verdadeiras correlações e as causas reais (Ibid., p. 19).

Um fato que Rouanett diz sobre Adorno e Horkheimer é que diferente das outras teorias, por exemplo o materialismo dialético, eles se baseiam numa concepção ou num método denominado de "transcendente" que "mergulha no objeto, procurando examinar seu conteúdo de verdade, à luz de sua interação com o todo" nessa linha de pensamento, tais cientistas não estão interessados em fazer a correspondência entre teorias e interesses de classe, mas em tomar a teoria enquanto particular concreto, enquanto índice do universal. Rouanet cita Horkheimer:

O método da teoria crítica não pode ser o método indutivo não pode ser o método indutivo da teoria tradicional, que ambiciona chegar à lei através da agregação de observações particulares, mas um método indutivo sui-generis que procura o universal dentro do particular e não acima ou além dele... e mergulha nele cada vez mais profundamente, a fim de descobrir a lei universal que se manifesta nesse particular (HORKHEIMER apud ROUANET, 1983, p. 104).

Com isto Rouanett percebe que a teoria crítica consegue se desvencilhar das ideias partidárias e a ciência sociológica começa a surgir como fato e não como um construto dotado de interesse e percepções ideológicas, a imparcialidade se torna uma propriedade inerente a teoria, gerando confiabilidade e um novo modelo de análise dos fenômenos sociais. A partir disto Rouanett começa a produzir a sua própria teoria, fazendo aproximações, relações e pesquisas entre sociologia e psicanálise, criticando as ideias precedentes e tomando para si elas próprias, as reformulando e modelando.

Uma outra relação que pode ser notada e que é muito bem demarcada por meio do artigo da socióloga Nicole Louise Macedo, intitulado *Habitus e Libido Social: Revisitando Bourdieu através da psicanálise (2011)*, ela nos relata que Bourdieu precisou se utilizar de uns dos conceitos da psicanálise para trabalhar os seus próprios:

*No entanto, o próprio conceito de habitus, como indicado anteriormente, sofre alterações significativas como forma de aprimorar seu poder explicativo no que diz respeito aos mecanismos microsociológicos de formação das categorias individuais e coletivas da ação social. [...] Esse refinamento do próprio conceito de habitus e sua relação com processos como a socialização, a formação de grupos (principalmente nos textos acerca das classes sociais) e a formação das disposições e comportamentos dos agentes nos campos aos quais pertencem, faz com que seja importante para Bourdieu, já a partir de *Outline of a theory of Practice (BOURDIEU, [1972] 1977)*, referenciar certos aspectos da teoria psicanalítica Freudiana especialmente naquilo que concerne o interesse/desinteresse, bem como certas relações de ajuste entre o mundo social e as expectativas dos atores sociais (p. 1).*

A autora nos diz, que o conceito de habitus em conjugação com o de libido, produz uma intensificação da abrangência do mesmo, assim produzindo um contato direto entre sociologia e psicanálise:

O projeto que inclui o conceito de libido, e mais diretamente, de libido social, faz parte de um esforço de abertura da própria ideia de habitus, pois trás em si elementos que intensificam a compreensão da formação desse último, sem necessariamente voltar a já batida fórmula do habitus como estrutura estruturada e estrutura estruturante. [...] Fazendo uso do conceito de libido para explicitar o movimento de incorporação e transformação do mundo através do indivíduo, que tinha até então a aquisição do habitus como único elemento responsável por esse processo, Pierre Bourdieu finalmente reabriu um canal de comunicação (que em seus textos mais recentes aparece nas citações explícitas de Freud e outras referências tácitas ao projeto da psicanálise, de forma geral) há muito excluído de projetos sociológicos sérios, estabelecendo assim um diálogo direto com teorias da psicologia e da psicanálise naquilo que tenham produzido de mais interessante, explicações no nível micro para o desenvolvimento do indivíduo e a formação de suas potencialidades no mundo social (Ibid., p. 2).

Dentro dessas relações existe objetos de investigação e um deles é a interface da estrutura econômica enquanto modeladora do psiquismo e este por sua vez como determinante da primeira, Reich é o expositor dessa tese:

E na medida em que a desigualdade e a dominação modelam a estrutura psíquica dos homens, se reproduzindo através deles pela utilização e transformação do aparelho pulsional, que é governado pelas necessidades da libido, também se ancora afetivamente nele. O primeiro e mais importante órgão de reprodução da ordem social, desde os primórdios da propriedade privada dos meios de produção, está na família patriarcal, que incute em seus filhos a base caracteriológica necessária à ulterior influência da ordem autoritária (REICH, 2004, p. 4).

O psicanalista tem uma obra significativa que trabalha às relações entre esses campos, dessas obras há *Psicologia de Massa do Fascismo (1933)*, *Materialismo Dialético e Psicanálise (1975)* e *O Que é Consciência de Classe? (1976)*.

No artigo *Oito Encontros sem Juntura (2003)* de João José Rodrigues Lima de Almeida o autor discorre sobre os encontros entre os aparatos conceituais de Freud e Marx, mas demonstrando que não houve nenhum desdobramento teórico que pudesse autonomizar esse campo de intersecção. O primeiro desses encontros é aquele no qual Freud avalia o marxismo. Sabe-se por meio de documentos históricos que o autor menciona Marx e Engels em suas cartas, dando a entender à posterioridade de que essas relações entre Psicanálise e Sociologia se alvorecia com o próprio fundador do campo, apesar de não haver nenhuma articulação teórica, apenas diminutos e esparsos apontamentos, é possível ao menos delimitar essas fronteiras de modo a compreender essas conexões por meio da própria obra de Freud (HILÁRIO, 2014).

O segundo encontro expresso é o Freud-Marxista com Vera Schmidt na criação do “Lar Experimental de Crianças” que era uma instituição pedagógica que unia princípios do marxismo e da psicanálise. Já Otto Fenichel dizia que tanto a psicanálise como o marxismo eram ciências desmistificadoras e que o seu polo de união era a biologia, tanto uma quanto a outra estava com os pés sobre o reino das ciências naturais (DE ALMEIDA, 2003).

Nessa mesma tradição dos Freud-Marxistas podemos elencar a “experiência Argentina” com grandes expoentes como Pichon Rivière que fez esse cruzamento de modo profícuo, Jose Bleger na sua análise das instituições sociais, Armando Bauleo e Hermán Kesselman que foram seus discípulos, León Rozitchner que ministrava aulas sobre o tema na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires e que posteriormente desenvolveu o tema em seus ensaios e Antonio Caparrós que além de fazer História da Psicologia fez comentários sobre a obra de Erich Fromm havendo aí possíveis desenvolvimentos teóricos (VEZZETTI, 2009). Maria Langer participou ativamente desse movimento que estava ocorrendo na Argentina e escreveu um artigo intitulado *Psicoanálisis y/o revolución social (1971)*. Esse é um panorama das principais contribuições sobre à temática.

Já no contemporâneo existe uma plêiade de estudos, históricos e epistemológicos sobre a questão, como também pequenos ensaios. É importante ressaltar que na América Latina, principalmente ao que concerne à língua espanhola existe uma quantidade substancial de escritos.

Na França Frantz Fanon faz estudos sobre esses campos, mas analisando o colonialismo e processos ligados às estereotípias, estigma e racismo social, vemos nesse autor uma aplicação dos conhecimentos oriundos dessas conexões disciplinares (MBEMBE, 2011). Nesse mesmo país vemos surgir Deleuze & Guattari com o livro *O Anti-Édipo (1976)* que produz uma potente e forte crítica à Psicanálise Lacaniana, Kleiniana, Junguiana e Freudiana e ao mesmo tempo propõe conceitos para compreensão da sociedade num viés psicológico e social. Dentro dessa tradição temos Gregório Barenblitt (1996) e Suelly Rolnik & Guattari (2006).

Devemos compreender que as relações entre Sociologia e Psicanálise são amplas, pois os objetos de investigação dentro do campo dessas conexões são variados e polifacéticos. Assim vemos que existe uma profícua articulação nessas áreas. Mesmo que haja suas ramificações e diferenciações sobre os objetos o que permanece é um objeto maior. O objeto maior se refere à um objeto alvo de investigação de diversas disciplinas. Assim vemos que o objeto maior nesse campo é a sociedade e o psiquismo. Se utilizarmos a definição que Durkheim (2009) cunhou para a Sociologia enquanto sendo a ciência que estuda as instituições sociais, veremos que não há a possibilidade abandonar à interface entre Instituição e Psicanálise. Portanto o livro *A instituição imaginária da sociedade* (1975) de Castoriadis faz parte do rol de material de pesquisa. Nesse sentido podemos fazer especulações de como esse campo se compõe a partir do conhecimento existente, obviamente que essas reflexões de caráter epistemológico nos servem para compreensão do atual estado do campo como também para taxonomia das teorizações já produzidas. Os termos como Sociopsicanálise, Psicanálise Política, Psicanálise Social, Freud-Marxistas e diversas outras nomeações se referem à campos subjacentes às relações entre Sociologia e Psicanálise e que do mesmo modo devem ser compreendidas em sua raiz e em sua essência - seja de objeto, epistêmica ou metódica -.

Essas relações comparecem em Norbert Elias que tendo constituído uma Sociologia Processual pôde compreender o desenvolvimento da civilização a partir de um escopo interdisciplinar e tendo como base uma psicologia alternativa – psicanálise -, vejamos uma das análises que o sociólogo faz mesclando conceitos psicanalíticos e sociológicos para investigação da sociedade:

As energias da libido que encontramos em todos os seres humanos já foram socialmente processadas, foram, em outras palavras, transformadas sociogeneticamente em sua função e estrutura e de maneira alguma, podem ser separadas das correspondentes estruturas do ego e do superego. Os níveis mais animais e automáticos da personalidade do homem não são nem mais nem menos importantes para a compreensão da conduta humana do que seus controles. O que importa o que determina a conduta, são os equilíbrios e conflitos entre as pulsões maleáveis e os controles construídos sobre as pulsões (ELIAS, 1939 [2011], p. 237).

E:

Essa luta semiautomática da pessoa consigo mesma nem sempre tem uma solução feliz, nem sempre a autotransformação requerida pela vida em sociedade leva a um novo equilíbrio entre satisfação e controle de emoções. Frequentemente, fica sujeita a grandes ou pequenas perturbações -, à revolta de uma parte da pessoa contra a outra, ou a uma atrofia permanente - que torna o desempenho das funções sociais ainda mais difícil, se não impossível. As oscilações verticais, os saltos do medo à alegria, do prazer ao remorso, se reduzem, ao mesmo tempo em que a fissura horizontal que corre de lado a outro da pessoa, a tensão entre o "superego" e o "inconsciente" - os anelos e desejos que não podem ser lembrados – aumentam (ELIAS, 1939, [2011], p. 203).

Além disso:

Até na literatura psicanalítica se encontra, às vezes, afirmações de que os instintos ou o "id" seriam imutáveis se desconsiderada as mudanças de sua direção. Mas como é possível desconsiderar esse direcionamento em algo tão fundamentalmente dirigido para outra coisa quanto os instintos humanos? O que chamamos de "instintos" ou "inconsciente" constitui também uma forma específica de auto-regulação em relação a outras pessoas e coisas (...) Aquilo a que nos referimos como "alma", ou como pertinente à "psique", não é outra coisa, na realidade, senão a estrutura formada por essas funções relacionais. O ser humano não é, como faz parecer uma certa forma histórica de autoconsciência humana, simplesmente um continente fechado, com vários compartimentos e órgãos, um ser que, para começo de conversa, em sua organização natural, nada tem a ver com outras coisas e seres, mas é organizado por natureza, como parte de um mundo maior. Em certo sentido ele é um vetor que dirige continuamente valências dos mais diferentes tipos para outras pessoas e coisas valências estas que se saturam temporariamente e sempre voltam a ficar insaturadas. Por natureza, ele é feito de maneira a poder e necessitar estabelecer relações com outras pessoas e coisas (ELIAS, 1987 [2011], p. 37).

Portanto Norbert Elias estabelece uma conexão com o aparato conceitual da Psicanálise com o da Sociologia de maneira a produzir uma efetiva análise da civilização. Nessas passagens há uma breve descrição psicossociodinâmica da fundação da sociedade ao mesmo tempo que existe uma exploração da psicogênese e sociogênese do psiquismo e do tecido social.

A libido – em resumo – passa por um processo sociogenético de transformação, sendo ela de qualidade agressiva é reprimida em prol do grupo social e para manutenção deste. A percepção de que o grupo – e o eu - está fortalecido a partir do momento em que se abdica da pulsão agressiva se torna um potencial reforçador do comportamento de autocontrole. Dessa percepção se constitui um superego individual que constantemente estará monitorando os efeitos da excitação interna. Assim a civilização se instaura a partir do deslocamento da agressividade individual para a agressividade estatal – sendo o estado um corolário do grupo -, nesse momento o estado se torna o monopolizador da agressividade e da violência, assim ocorre um rebaixamento da intensidade dos sentimentos de medo e de ansiedade, sendo estes, um dos benefícios da saída do estado de natureza do homem.

O inconsciente está em constante interação com o seu meio e existe uma frequente auto-regulação entre o ambiente e o indivíduo. Esses processos regulatórios são imprescindíveis para manutenção da civilização – e um deles é a sublimação -. Estes permitem a sociedade se manter, uma vez que é o escoadouro da libido reprimida. Não obstante, não são todos os indivíduos que conseguem se integrar efetivamente nesse meio, uma vez que a libido reprimida pôde extrapolar os mecanismos de defesa e não ser manipulada por mecanismos mais sofisticados como a própria sublimação.

Dependo da maneira pela qual o indivíduo faz o seu processo de socialização, os conflitos inerentes a esse próprio processo podem passar por perturbações, sejam perturbações necessárias e naturais decorrentes do próprio processo de socialização ou perturbações que façam com o que o indivíduo retorne ao seu estado de natureza, n'onde suas pulsões individuais predominam no espaço social produzindo degradações na estrutura e no funcionamento do arranjo social. Se existe um predomínio das coerções sociais sobre o indivíduo, mas uma dificuldade ou inibição no processo de socialização pode ocorrer não uma degradação da estrutura-funcional da sociedade, mas um aniquilamento do próprio indivíduo. Esses são alguns fenômenos envolvidos nos processos de socialização e que implicam uma compreensão entrelaçada dos elementos e das propriedades da psicogênese e da sociogênese e por sua vez da união de ambas.

CONCLUSÃO

A conexão entre essas áreas são poucas pesquisadas e o momento é propício, principalmente pelas mudanças e grandes transformações que vem ocorrendo na contemporaneidade, um pensamento que consiga capturar os fenômenos sociais sem se distanciar do indivíduo ou do coletivo, mas compreendendo ambos é imprescindível. A tentativa de estabelecer uma forma de pensamento híbrido que tenha coerência lógica e que esteja sustentada pela tradição e que encontre convergências é essencial para o avanço da ciência e compreensão das grandes transformações sociais.

O intercâmbio entre sociologia e psicanálise é escasso com poucas produções e autores, retomar tal pensamento é necessário principalmente com fins de preencher lacunas existentes produzidas pela dicotomia indivíduo-coletivo. Além disso o fomento teórico e a problematização resultam em mais pesquisas produzindo discussões e aprimoramento da ciência sociológica - que é uma exigência social - que por haver demanda desta, solicita a elaboração e criação de novos conhecimentos para solução de problemas e suporte aos profissionais da área social

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BAREMBLITT, Gregorio F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

BASTIDE, Roger. **Sociologia e psicanálise.** Instituto Progresso Editorial, 1948.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade (título original: L'Institution imaginaire de la Société, Paris, Éditions du Seuil, 1975);** tradução de Guy Reynaud.

DE ALMEIDA, João José Rodrigues Lima. Oito Encontros Sem Juntura. In: Boito Jr., Armando. (Org.). *Marxismo e Ciências Humanas.* São Paulo: Editora Xamã - CEMARX-IFCH, 2003, p. 189-199.

DE PONTES, Nicole Louise Macedo Teles. **HABITUS E LIBIDO SOCIAL: revisitando Bourdieu através da psicanálise.** Estudos de Sociologia, v. 2, n. 17, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Editora 34, 2000.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico.** 2009.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos (1987).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador Vol. 2: Formação do Estado e Civilização (1939)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

FERNANDES, Florestan. **Psicanálise e sociologia.** Revista de Antropologia, p. 129-142, 1956.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **A sombra marxiana em Freud, ou o descompasso constitutivo de um encontro**. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 3, 2014.

LANGER, Marie. **Psicoanálisis y/o revolución social**. Marie Langer: mujer, psicoanálisis y marxismo, p. 65-76, 1971.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. **Diálogo entre a sociologia e a psicanálise: o sujeito e o indivíduo**. 2009.

MATOS, Olgária. **Entrevista com a filósofa Olgária Matos**. Em: <
http://www.filosofia.com.br/vi_entr.php?id=25>. Acesso em: 26/07/2018.

MBEMBE, Achille. **A universalidade de Frantz Fanon**. Este artigo é o prefácio do livro de Frantz Fanon *Œuvres*, publicado pela La Découverte em outubro de, 2011.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. **Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo**. *Estudos Avançados*, v. 8, n. 22, p. 215-220, 1994.

REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUANET, Sérgio Paulo. Teoria crítica e psicanálise. In: **Teoria crítica e psicanálise**. 1986.

TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz. **A Teoria da Sociedade Em Freud**. SERIE SOCIOLOGICA, BRASÍLIA, v. 101, p. 1-68, 1989.

VEZZETTI, Hugo. Psicanálise e marxismo: a fratura da Associação Psicanalítica Argentina (1971). Tempo Social, v. 21, n. 2, p. 61-85, 2009.

